

O Alto Minho em tempo de Festas

A província do Minho, testa do Portugal atlântico, é uma região de montanhas e rios, planícies e vales, cidades e aldeias, geograficamente dividida em Alto e Baixo Minho, administrativa e religiosamente separada em dois distritos e dioceses: Viana do Castelo e Braga. Neste trabalho, propomo-nos analisar a região do Alto Minho por causa da sua maior identidade antropológica e folclórica. Reconhecemos, de facto, que é aí, distrito e diocese de Viana do Castelo, que a enorme teia das freguesias forma uma pluriforme unidade geográfica, política, social e religiosa, onde é bastante fácil descobrir estruturas e elementos de longa permanência que nos remetem para um passado comum, ainda vivo e palpitante.

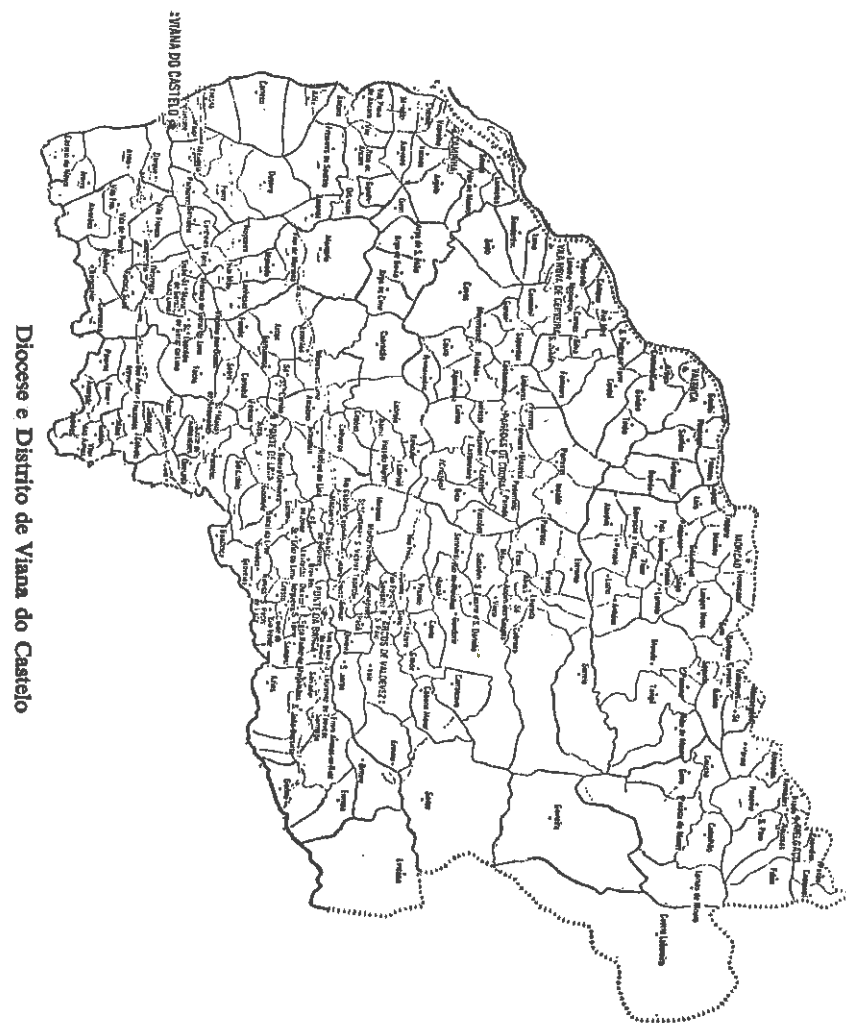
O Alto Minho é mar e rio (beira-mar, ribeira Minho e ribeira Lima), montanhas e vales (o interior), duas partes distintas mas complementares com uma vincada idiossincrasia mental e folclórica. Frequentemente, o homem da beira-mar sobe às alturas montanhosas para se associar às festas e feiras do homem serrano e o aldeão do interior desce com facilidade às póvoas marítimas para se abastecer nos mercados ou para se retemperar nas praias. É este intercâmbio permanente que, em boa medida, caldeia a unidade plural do minhoto. E ele, apesar das características próprias de cada zona ou micro-região, sempre se descobre solidário e unido aos valores, às tradições, à religião, a tudo aquilo, enfim, que faz a secular «personalidade-base» do minhoto.

O Minho, aliás, todo ele é, assim, uma área geográfica e antropológica de Portugal, demarcada não tanto pela identidade de formas da natureza, quanto pela unidade social e comunidade religiosa, por mais que, aqui e ali, apareçam elementos diferenciadores.

No Minho tudo é perto, porque as montanhas quebram-se em vales mais ou menos apertados que favorecem o minifúndio e a dispersão da população. Mas estas não se esquecem umas das outras,

não se separam, ainda que o bairrismo as ponha a rivalizar em despiques emocionais e promocionais.

No Minho tudo é verde: paisagem, vinho, caldo, e até se dança cana verde e o verde gaio. Só por si, a verdura da paisagem é um



admiráveis trajes minhotos, sobretudo das mulheres da região de Viana.

No Minho tudo é religioso, cristão. O inquérito sobre a prática dominical provou que é aqui que se atingem os maiores índices de frequência religiosa, acima dos 50%¹. Como explicá-la? Certamente por causa duma sentida dimensão ctónico-telúrica, por ancestralidade e tradição que provêm das civilizações castrejas e da Reconquista cristã da Península. Sempre o Minho, português, foi espaço privilegiado de vida religiosa e monástica. Hoje ainda, as freguesias, com o seu abade ou reitor, têm na Igreja matriz, a branquejar no meio do casario e a torre a indicar o céu, um verdadeiro centro de encontro religioso e social. E o toque dos sinos, às Ave-Marias e Trindades, continua a ser o grande e universal cronómetro das fainas agrícolas, o sinal comum das alegrias e tristezas da comunidade paroquial.

É, pois, este Minho plurimorfo que aqui vamos ter presente. Por razões óbvias, centrar-nos-emos na diocese de Viana do Castelo e arciprestado eclesiástico de Ponte de Lima. Foi aí, de facto, que fizemos a nossa maior e mais profunda pesquisa de campo, percorrendo as freguesias, visitando igrejas, associando-nos às festas, numa investigação rápida mas consciente e abrangente.

I — O tempo religioso.

A antropologia e a etnologia permitem-nos, hoje, concluir, com geral aprovação, que existe um património mental comum da humanidade. Por sua vez, a moderna ciência da História Comparada das Religiões, nascida com uma conotação nitidamente laicista e anti-católica, veio, afinal, mostrar que a religião e o culto cristão não se podem mais estudar em separado e em oposição às outras religiões e instituições culturais, como pretendiam as apologias católicas do século passado, que apostavam na divergência. Hoje, sem negar a especificidade, aposta-se muito mais nas convergências, naquilo que é do homem de sempre no seu relacionamento com a divindade, o cordão umbilical religioso que une o homem a Deus. Há, de facto, no espírito humano, símbolos e ritos que são autênticos arquétipos religiosos do património comum da humanidade. É neles e por eles que a religiosidade po-

¹ (= *Pastoral do Domingo* N.º 8). *A Igreja e a Evangelização*, Lisboa, Comissão Nacional da Pastoral do Domingo, s/d, 25-71; *Economia e Sociologia*, (Évora, 1979), N.º 25-26, 9-220. Todo o número é dedicado ao estudo da Igreja em Portugal, analisando vários autores os dados do inquérito.

traço característico que deriva das particulares condições naturais e pluviométricas e é, talvez, esta monótona exuberância de verdura que leva o povo ao uso de vestes garridas e multicolores, como provam os

pular atinge aquele grau de espontaneidade que dilui, em muitos aspectos, as diferenças ou divergências entre as religiões. Na realidade, em todas as religiões há a distinção do Sagrado e do Profano; em todas as religiões se fazem festas para celebrar ritos de passagem, nascimentos e casamentos; em todas as religiões se canta efusivamente em momentos de acção de graças pelos dons recebidos; em todas as religiões se reza a Deus em ocasiões de dificuldade e angústia. O tempo é, portanto, coordenada inseparável do Sagrado.

O conceito religioso do tempo é um daqueles conceitos que une os homens, por mais que cada religião tenha o seu «ano litúrgico», o seu tempo sagrado².

Medindo a duração da vida e do tempo que lhe escapa e foge, o homem pressente a noção dum tempo sagrado, mítico, em que, de alguma maneira, possa contactar com o divino, o permanente e eterno. Ao lado do calendário físico, cronométrico e biológico, marcado pelo ritmo cósmico, aparece o tempo sagrado, supra-histórico, divino.

O tempo físico é a medida dos acontecimentos históricos, efémeros; mas é nele que o homem se dá conta das irrupções do divino no humano. É por isso que todas as religiões distinguem, ao lado do tempo comum, banal, profano, o tempo sagrado, salvífico, extraordinário. Já o livro bíblico do Génesis, ao descrever a criação do mundo, atribuiu ao próprio Deus criador a determinação do tempo sagrado, litúrgico, para celebração das festas e solenidades do povo judaico (Gen. 1,14).

Lembrando aos homens o agir de Deus e dos heróis antigos, o tempo sagrado apresenta uma conotação mítica. É que a memória colectiva da humanidade e das religiões funciona à base de categorias e arquétipos em vez de acontecimentos e personagens. Para ela, o tempo mítico, sagrado, é uma necessidade psicológica, e está pletórico de sentido, porquanto é ele que possibilita as epifanias numinosas, a revelação das forças transcendentais e divinas. É por referência a esse tempo mítico e sagrado que, na diacronia do tempo físico, se vão realizar as acções cúllicas, rituais, pelas quais o homem se pretende ligar às forças divinas.

Através de ritos, mais ou menos festivos, fazendo a anamnese recordativa das grandes acções divinas ou heróicas do tempo primordial, o homem religioso como que procura captar a energia salvífica desses

deuses ou heróis, garantindo a sua salvação. Por consequência, o tempo sagrado, no âmbito circular dum ano litúrgico, representa uma espécie de ruptura com o tempo cronológico e profano. É um tempo de salvação, de resgate, que a lei do eterno retorno possibilita³.

Para o homem religioso, o tempo não pode ser homogéneo. Há tempos fortes e tempos fracos, tempos sagrados e tempos comuns; tempos *fastos* e tempos *nefastos* em que é lícito e bom fazer ou não qualquer coisa. Daí, o calendário litúrgico, religioso, com os seus ciclos de festas e encontros com Deus, seus santos ou heróis; daí, o valor religioso dos rituais cósmicos em que os equinócios, solstícios, estações, fases da lua, noites e dias são regulados, segundo a mentalidade popular, por forças supra-humanas. É por isso se compreende como é que o homem primitivo, antigo e moderno, e o nosso homem rural ligam tanta importância aos ritos cósmicos pelo seu significado de fertilidade e fecundidade e, como tais, particularmente indicados para celebrar rituais de valor hierofánico-salvífico. É certo que tempo cósmico e tempo sagrado não se identificam; mas ambos apontam para a necessidade de determinadas festas em que o homem crente dê lugar à sua fé nas forças transcendentais e sobrenaturais. Há, portanto, que valorizar certos tempos ou dias e celebrá-los festivamente, como que seccionando o tempo profano para recordar e recuperar a força salvífica do «in illo tempore» dos deuses e heróis que criaram o mundo, formaram o homem e embelezaram a natureza em gestos paradigmáticos e exemplares. É neles que se inicia a marcha histórica do homem; é neles que se originam as instituições culturais e sociais; é por eles que se encaminha a obra civilizadora que o homem deve prosseguir no mundo.

A repetição periódica dos ritos religiosos impregna de sagrado a existência profana do homem. Ora, neste aspecto, nenhuma religião como o Cristianismo sublinha e defende a sacralidade do tempo. Acreditando na presença real de Cristo sobre as espécies eucarísticas do pão e do vinho e, mais, afirmando a presencialidade do mistério pascal de Cristo através da doutrina da sacramentalidade, a Igreja cristã criou o seu ano litúrgico para que o cristão se aproprie, pelas celebrações litúrgico-rituais, das próprias acções salvíficas de Cristo. Lembremos que é esta a doutrina teológica da Constituição Litúrgica do Vaticano II⁴. Lembremos também que já um estudioso da História das

² JOSÉ MANUEL BERNAL, *Iniciación al Año Litúrgico*, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1984.

³ MIRCEA ELIADE, *Le Mythe de l'Éternel Retour*, 2.^a ed., Paris, Gallimard, 1969.

⁴ Concílio Vaticano, Constituição *Sacrosanctum Concilium*, N.ºs 5-7.

Religiões, Mircea Eliade, tentava explicar como, ao repetir-se o rito da Eucaristia, o cristão se sente contemporâneo do próprio acontecimento cristico, porque o tempo cristofânico se lhe torna presente⁵.

Como se vê, à luz da moderna compreensão dos ritos míticos, a doutrina da sacramentalidade cristã não é tão inovadora, como parece. Esta hermenêutica anamnésica dos ritos/mitos religiosos justifica a possibilidade de re-actualização das acções salvíficas passadas, explica a concepção pan-sacralizante do homem antigo e a necessidade religiosa de regenerar o tempo, distinguindo o tempo profano e o tempo sagrado⁶. Aparecem, assim, as festas religiosas que fazem a ruptura do tempo profano e permitem ao nosso homem religioso celebrar as acções salvíficas de Deus, seus santos ou heróis. Se, na concepção circular pagã do tempo, as festas religiosas recuperam o tempo passado e são como que uma nova cosmogonia e antropogonia, o reencontro com o Deus das origens, na concepção linear bíblico-cristã do tempo, as festas religiosas são, sobretudo, uma antecipação do Reino de Deus, a inauguração duma nova era, a participação do novo céu e da terra. O fim está, afinal, no princípio. A religiosidade popular cristã faz a síntese das duas concepções do tempo. É o que vamos ver estudando as festas religiosas do Minho. Elas são a afirmação da sacralidade do tempo, e o tempo sagrado, litúrgico, festivo, é a verdadeira possibilidade de encontro do homem com Deus e seus santos. Tudo isto parece absolutamente válido para o Cristianismo e mais ainda por ser uma religião histórica que tem o seu ponto axial na doutrina da Encarnação de Jesus, isto é, na crença da sua realidade corpórea e pessoal. Por um movimento de catábase e condescendência, num momento concreto do tempo e da história — «na plenitude dos tempos» —⁷, Deus fez a sua epifania teândrica, irrompendo no mundo dos homens feito homem.

II — As festas.

Depois do que dissemos sobre o tempo sagrado, torna-se evidente que as festas religiosas-cristão do Minho se têm de inserir no quadro do ano litúrgico cristão. Ano Litúrgico da Igreja é, pois, o quadro temporal dentro do qual se celebram os grandes acontecimentos ou mis-

térios da vida de Jesus Cristo, da Virgem Maria e dos santos. Esta é a razão porque o Nascimento de Cristo passou a ser para a civilização ocidental, cristã, o eixo da História da Salvação, o ponto de partida da nossa era cronológica segundo a qual contamos até o tempo comum ou profano. Centrado sobre a vida de Cristo, distribuída por um ciclo anual, o Ano Litúrgico tem, contudo, o seu epicentro na Páscoa da Ressurreição de Jesus, festa móvel segundo a lua nova de Abril e gesto exemplar da reconciliação do homem com Deus. Começa no Advento, quatro semanas antes do Natal (25 de Dezembro); depois tem nove semanas de Tempo Comum, a Quaresma com 6 semanas de preparação para a Páscoa, as 7 semanas do Tempo Pascal com a festa da Ascensão do Senhor ao Céu, 40 dias após a Páscoa, terminando com o Pentecostes, festa da descida do Espírito Santo sobre os Apóstolos no quinquagésimo dia depois da Páscoa. E o ano litúrgico termina com uma série de 24 semanas do Tempo Comum, perfazendo ao todo 52 semanas. As festas da Virgem celebram-se em dias fixos do calendário Juliano-Gregoriano e também as dos santos que, em geral, coincidem com o dia da sua morte.

A Igreja Católica procura regular as festas religiosas para que se conserve o carácter sagrado e espiritual das mesmas e se evitem os excessos lúdicos e profanos. Para isso existe uma legislação eclesiástica, segundo a qual é preciso tirar licença na Cúria Diocesana. Nessa legislação, em princípio, estabelecem-se normas quanto à constituição das comissões de festa, faz-se o elenco das bandas musicais ou grupos corais que estão habilitados para participar nas festas e apresentam-se sugestões para que tudo decorra com dignidade e decoro.

Deste modo, quisemos fazer o levantamento das licenças de festa pedidas à cúria da Diocese de Viana do Castelo; apurámos que, em 1982, foram passadas cento e dezanove licenças e em 1984 aparecem vinte e seis de novo. É claro que nem todas freguesias cumpriram o seu dever, tirando, a licença. Fazendo o levantamento das festas por freguesias, segundo o critério da repartição destas por concelhos ou arceprestados da diocese de Viana, temos a seguinte calendarização relativamente a 1982:

⁵ MIRCEA ELIADE, *História das Crenças e das Ideias Religiosas*, II/2, Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1979, 109-110.

⁶ Idem, *Aspectos do Mito*, Lisboa, Edições 70, s/d.; CLAUDE LÉVI-STRAUSS, *Mito e Significado*, Lisboa, Edições 70, 1979.

⁷ SÃO PAULO, *Epístola aos Gálatas*, 4, 4.

VIANA, Festas religiosas em 1982

MÊS	DIA	FREGUESIA	FESTA	
Janeiro	14	Coura, Paredes de Coura	S. Martinho	
	15	Fornelos, Ponte de Lima	Sto. Amaro	
	17	Subportela, V. do Castelo	Sto. Amaro	
	23/24	Geraz do Lima, Viana	N.ª Senhora das Necessidades e S. Sebastião	
Fevereiro	7	Subportela, Viana	S. Brás	
Abril	12/13	Cristelo-Covo, Valença	Nossa Senhora da Cabeça	
	12/13	Mazedo, Monção	Nossa Senhora da Cabeça	
	18	Podame, Monção	N.ª Senhora das Angústias	
Maio	1/2	Outeiro, Viana	S. José e Sto. António	
	15/16	Cerdal, Valença	N.ª Senhora de Fátima	
	16	Entre Ambos os Rios, Ponte da Barca	N.ª Senhora de Fátima	
	22/23	Alvarães, Viana	Festa das Cruzes	
	30	S. João de Vila Chã, Ponte da Barca	N.ª S.ª da Paz do Barral	
	28/30	Sta. Marta de Portuzelo, Viana	Sta. Tecla, Samonde	
	29/30	Barroselas, Viana	Divino Espírito Santo, lugar de Boticas	
	29/31	Freicieira de Soutelo, Caminha	Nossa Senhora da Cabeça	
	31	V. Praia de Âncora, Caminha	Nossa Senhora da Cabeça	
	30/1	V. Nova de Muia, Ponte da Barca	Sta. Rita. Sempre na Segunda-feira de Pentecostes	
	Junho	2/6	V. Nova de Muia, Ponte da Barca	Nossa Senhora de Fátima
		5/6	Barroselas, Viana	Nossa Senhora da Conceição, lugar do Paço
13		Sovelhe, V. N. Cerveira	N.ª S.ª da Encarnação, capela no Monte	
13		Lara, Monção	Sto. António	
13		S. João de Portela, Monção	Sto. António	

MÊS	DIA	FREGUESIA	FESTA	
Junho	19/20	V. Nova de Muia, Ponte da Barca	Sto. António	
	20	Cerdal, Valença	Sto. António	
	20	Estorãos, Ponte de Lima	Sto. António	
	19/20	Padornelo e Parada, P. Coura	Sto. António e S. Tiago nas duas freguesias	
	20	Facha, Ponte de Lima	S. João	
	23/27	Ponte de Lima	S. João	
	25/27	Vila Fria, Viana	S. João e Sto. António, lugar de Sabariz	
	26/27	Gove, Monção	N.ª S.ª da Guia, Varanda da Aveleira	
	28/29	Insalde, Paredes de Coura	S. Pedro, lugar de Meca	
	Julho	1/4	Serreleis, Viana do Castelo	S. Pedro
		3/4	Tangil, Monção	N. S. do Juízo Final N.ª S.ª do Porto
3/4		Padornelo, Paredes de Coura	N.ª S.ª das Angústias, capela	
4		Geraz do Lima, Viana	Sta. Bárbara	
6		Podance, Monção	Sta. Bárbara	
9/11		Sta. Marta de Portuzelo, Viana	N.ª S.ª da Silva	
10/11		Gavieira, Arcos de Valdevez	S. Bento do Cando	
11		Lapela, Monção	S. Bento	
16/18		Cerdal, Valença	S. Bento	
16/18		Afife, Viana	Sto. António	
16/18		Vila Fria, Viana	Sto. António e S. Martinho	
17/18		Mujães, Viana	N.ª S.ª do Carmo, lugar de Mámua	
17/18		Infesta, Paredes de Coura	S. Sebastião	
16/18		Parada, Paredes de Coura	N.ª S.ª das Dores	
17/18		Romarigães, Paredes de Coura	N.ª S.ª das Dores	
18	Estorãos, Ponte de Lima	Sto. Amaro		

Julho	DIA	FREGUESIA	FESTA
	18	Fornelos, Ponte de Lima	Sta. Maria Madalena, capela
	18	Cabaços, Ponte de Lima	S. Sebastião e Sta. Justa
	23/25	Loivo, V. Nova de Cerveira	N.ª S.ª da Pena, lugar de Bagoada
	23/25	Anha, Viana	S. José, S. Tiago, Sto. António
	24/25	Farmariz, Paredes de Coura	N.ª S.ª do Livramento
Agosto	29/1	Bico, Paredes de Coura	N.ª S.ª do Rosário
	30/1	Castelo do Neiva, Viana	N.ª S.ª do Carmo e N.ª S.ª das Neves
	30/1	Correihã, Viana	Senhor do Socorro e N.ª S.ª da Boa Morte
	30/31	Rubiães, Paredes de Coura	N.ª S.ª da Expectação
	30/1	Vila Nova de Cerveira	S. Sebastião
	31/1	Covas, V. N. de Cerveira	Sta. Marinha
	31/1	Areosa, Viana	N.ª S.ª da Vinha
	31/1	Valença	N.ª S.ª da Saúde
	31/1	Romarigães, Paredes de Coura	Sta. Rita
	4	Sá, Ponte de Lima	N.ª S.ª da Saúde
	4/5	Mujães, Viana	N.ª S.ª das Neves
	6/8	Sta. Marta de Portuzelo, Viana	Sta. Marta
	6/8	Agualonga, Paredes de Coura	S. Caetano
	6/8	Vila Nova de Cerveira	S. Roque das Cortes
	6/8	Covas, V. N. de Cerveira	N.ª S.ª dos Aflitos
	6/8	Darque, Viana	N.ª S.ª das Oliveiras, capela
	5/8	Castelo do Neiva, Viana	N.ª S.ª dos Emigrantes
	7/8	Arcozelo, Ponte de Lima	N.ª S.ª dos Emigrantes
	7/8	Calvelo, Ponte de Lima	N.ª S.ª do Calvário e N.ª S.ª das Angústias
	8	Lapela, Monção	S. Lourenço

MÊS	DIA	FREGUESIA	FESTA
Agosto	9/10	Cunha, Paredes de Coura	S. Lourenço
	10	Gondufe, Ponte de Lima	S. Lourenço
	12/16	Romarigães, Paredes de Coura	S. Roque
	13/15	Rubiães, Paredes de Coura	S. Roque
	8/15	Sta. Cruz do Lima, Ponte de Lima	N.ª S.ª do Livramento
	12/15	Paderne, Melgaço	N.ª S.ª dos Remédios, capela da Santa
	13/15	Reborelo, V. N. de Cerveira	N.ª S.ª do Alívio, capela de Sto. Amaro
	13/15	Moselas, Paredes de Coura	N.ª S.ª da Pena
	13/15	Lovelhe, V. N. de Cerveira	N.ª S.ª do Reclamo
	14/15	Cunha, Paredes de Coura	N.ª S.ª das Neves
	14/16	Troviscoso, Monção	N.ª S.ª da Lapa
	15	Vascões, Paredes de Coura	Sto. António
	13/16	Meadela, Viana	Sta. Cristina (padroeira)
	16/17	Parada do Monte, Melgaço	S. Mamede (padroeiro)
	19/22	Loivo, V. N. de Cerveira	N.ª S.ª do Porto
	21/22	Cerdal, Valença	N.ª S.ª da Ajuda e N.ª S.ª de Fátima
	21/22	Facha, Ponte de Lima	N.ª S.ª do Socorro
	21/22	Poiares, Ponte de Lima	S. Roque e Sto. António
	21/22	Alvarães, Viana	S. José
	22	Paderne, Melgaço	S. José, capela de Sainde
	23	Formariz, Paredes de Coura	Festa não indicada
	22/24	Rubiães, Paredes de Coura	S. Bartolomeu
	26/28	Castelo do Neiva, Viana	N.ª S.ª de Guadalupe, capela particular
	27/29	Darque, Viana	Senhor da Saúde e S. Sebastião
	28/29	Reboreda, V. N. Cerveira	S. Roque, lugar de Gontige
	27/29	Darque, Viana	Senhor da Saúde e S. Sebastião
	27/29	Afife, Viana	N.ª S.ª da Lapa

Festas que aparecem em 1984

Agosto	DIA	FREGUESIA	FESTA
	28/29	Troporiz, Monção	N.ª S.ª do Livramento
	28/29	Correihã, P. de Lima	N.ª S.ª das Neves
	28/29	Fonlão, P. de Lima	N.ª S.ª dos Remédios
	29	Agualonga, Paredes de Coura	N.ª S.ª da Saúde
	27/29	Loivo, Vila Nova de Cerveira	Sta. Marinha (padroeira)
	Fins de Agosto	Castanheira, Paredes de Coura	N.ª S.ª de Fátima
Setembro	4/5	Cerdal, Valença	N.ª S.ª de Mosteiró
	7/8	Extremo, Arcos de Valdevez	N.ª S.ª da Natividade
	7/8	Gove, Melgaço	N.ª S.ª da Natividade e N.ª S.ª do Alívio
	9/12	V. Praia de Âncora, Caminha	N.ª S.ª da Bonança
	10/12	Parada do Monte, Melgaço	N.ª S.ª do Rosário e N.ª S.ª de Fátima
	11/12	Padornelo, Paredes de Coura	N.ª S.ª do Amparo
	11/12	Cerdal, Valença	Sto. António
	11/12	Formariz, Paredes de Coura	Sto. António
	12	Poiares/Airão, Ponte de Lima	N.ª S.ª de Fátima (capela)
	17/20	Ponte de Lima	N.ª S.ª das Dores: Feiras novas
	26	Mito, Ponte de Lima	N.ª S.ª da Fortuna e N.ª S.ª da Saúde
	S/D	Vila Franca, Viana	N.ª S.ª das Rosas

MÊS	DIA	FREGUESIA	FESTA
Junho	2	V. Nova da Muia, Ponte da Barca	N.ª S.ª da Luz
	6/8	S. Marta de Portuzelo, Viana	N.ª S.ª da Silva
	13	Riba de Mouro, Monção	Festa não mencionada
	24	Ferreira, Paredes de Coura	Sta. Marinha (padroeira)
	29/1	Barroselas, Viana	S. Pedro, Sto. António, S. Sebastião
	30/1	Torre, Valença	S. Pedro
Julho	11	Cossourado, Paredes de Coura	S. Bento da Porta Aberta
	21/22	Padornelo, Paredes de Coura	Festa da Confrara do «Ecce Homo»
	22	Chaviães, Melgaço	Sta. Maria Madalena
	23/24	Longos Vales, Monção	S. João Baptista
Agosto	5	Insalde, Paredes de Coura	N.ª S.ª dos Prazeres
	29/6	Podame, Monção	N.ª S.ª da Vista
	12	Candemil, V. Nova de Cerveira	N.ª S.ª do Amparo
	11/15	Viana, S.ª de Monserrate	N.ª S.ª da Agonia
	14/15	Pinheiros, Monção	N.ª S.ª da Misericórdia
	17/19	Sapardos, V. Nova de Cerveira	N.ª S.ª de Fátima
	18/19	Moselos, Paredes de Coura	N.ª S.ª do Bom Sucesso
	19	Porreiras, Paredes de Coura	Sto. António
	23/26	Paredes de Coura, S. Martinho	N.ª S.ª das Dores
	25/26	Parada, Paredes de Coura	S. Gonçalo
	29	Infesta, Paredes de Coura	N.ª S.ª da Conceição
Setembro	31-3	Deão, Viana	N.ª S.ª dos Aflitos e S. Sebastião
	2	Castanheira, Paredes de Coura	N.ª S.ª da Peneda
	15/17	Ponte de Lima	Santa Maria dos Anjos
	S/DIA	Friastelas, Ponte de Lima	N.ª S.ª da Saúde
Outubro	7	Paderne, Melgaço	N.ª S.ª do Rosário

As festas do Minho são, predominantemente, religiosas e situam-se no arco cairológico e diacrónico do Ano Litúrgico católico. Se o Inverno representa o período de hibernação festiva do minhoto, o Verão é o ciclo das festas, formando uma constelação de celebrações de alegria colectiva, tempo de libertação e regeneração, antecipação gozosa do grande festim escatológico, quando Deus será tudo em todos e não haverá choro nem tristezas. O minhoto, como qualquer *homo religiosus*, é, por natureza, um *homo festivus*.

Isto é particularmente verdade no Alto Minho quando, de Junho a Setembro, perpassa por todas as freguesias um ambiente continuado de festa e alegria. Domingo após Domingo, pelas terras da beira-mar e da ribeira Lima e até pelas aldeias de montanha, é um suceder-se de festas e romarias, não contando já as iniciativas lúdicas das organizações concelhias e autárquicas, clubes desportivos, grupos recreativos, associações de moradores, agremiações fabris e sindicais.

Mas, então, o que é a festa? A palavra festa, do ponto de vista semântico, é um étimo derivado de *festum, dies festa*, que vem de *ferior, fari* = falar. Indica o dia apropriado para falar com os outros e com Deus⁸. A festa é, portanto, etimologicamente, um momento do tempo em que o homem deixa o peso do dia de trabalho duro, celebra um acontecimento passado de alcance salvífico e reconhece a soberania dum ser superior a quem presta culto. A partir daí, a festa implica uma ruptura, um corte na trama do quotidiano ocupado e preocupado; representa um acontecimento de especial importância para o indivíduo e para a comunidade; é a oportunidade de sonhar uma vida diferente, um mundo antigo que se perdeu, um mundo novo que se antecipa. Como tal, a festa tem um carácter comunicativo; deve ser participada, comungada. Situando-se numa perspectiva meramente sociológica, Durkheim vê-a como um «estar com os outros», fazer comunidade para fortalecer os laços de fraternidade e convivência. Já, numa perspectiva religiosa, Mircea Eliade faz da festa uma afirmação comunitária de crenças, uma extensão horizontal da comunhão do homem com Deus. Razão suficiente para que em toda a festa descubramos a convocação do grupo humano, qualquer que seja a sua dimensão: familiar, tribal, paroquial, concelhia, diocesana, regional, nacional, ecuménica.

⁸ S. ISIDORO DE SEVILHA, *Etimologiae*, V, 30, 12; Cfr. CICERO, *Epistula ad Pisones*, 22, 51. «Qui (dies) quasi deorum immortalium festi atque solemnes apud omnes sunt celebrati».

Quais os elementos constitutivos da festa?

Pieper⁹ sublinha a afirmação de alegria e gozo da vida; Caillois¹⁰ acentua o despertar de excessos e caos em que se chega ao paroxismo social; Gerardo Van der Leeuw¹¹ salienta os aspectos religiosos e rituais; Huizinga¹² insiste no jogo.

Na realidade, a festa é um sim à vida no seu todo, um fenómeno complexo em que entram todos os aspectos acima referidos. Como diz Harvey Cox, a festa é «uma ocasião socialmente autorizada para a manifestação de sentimentos que, normalmente, reprimimos ou descuidamos»¹³. E ele próprio apresenta três componentes da festa: excesso, afirmação da vida, justaposição de contrastes, distinguindo o festivo excepcional e o comum banal. A razão da festa está no excepcional. É por isso que a festa implica a celebração de algo que nos liga a um acontecimento primordial, passado, que «causa» a festa. No presente festivo, entre o passado que se comemora e o futuro que se ignora, procura-se um viver descontraído com um apelo suplementar ao canto, à dança, aos gestos exuberantes e estrepitosos que tomam o significado de válvula de escape para os trabalhos e sofrimentos do quotidiano.

Harvey Cox pôs, assim, em evidência a utilidade, conveniência e necessidade de valorizar a festa, de a reinventar com fantasia como valor de comportamento religioso. A festa atrai, motiva, distrai, é uma espécie de «libertação proléptica». A atitude festiva não é alinante; pelo contrário, é uma forma de prazer, de satisfação que dá à vida o verdadeiro sentido de procura de felicidade que o trabalho esfalfante, ingloriamente, nunca consegue atingir. Festa é liberdade, gratuidade, exuberância exterior, gozo, alegria, gasto, factor humanizante e de libertação. A festividade é o momento em que o homem afirma a bondade ontológica das coisas e da vida, esquecendo-se, nos momentos lúdicos, de que, afinal, estamos num «vale de lágrimas». Por isso é que, em *As Festas de Loucos*, com todos os seus disfarces, Harvey Cox soube descobrir os sonhos maravilhosos dos pobres e as

⁹ JOSEPH PIEPER, *Una teoria de la fiesta*, Madrid, Ediciones Rialp, 1974.

¹⁰ ROGER CAILLOIS, *O Homem e o Sagrado*, Lisboa, Edições 70, 1979, 95-124.

¹¹ GERARDUS VAN DER LEEUW, *Sacred and Profane Beauty. The Holy in Art*, Nova Iorque, Holt, Rinehart, 1963.

¹² J. HUIZINGA, *Homo ludens. El fuego y la cultura*, México, 1943.

¹³ HARVEY COX, *Las fiestas de locos*, Madrid, Taurus ediciones, 1983, 38.

grandes aspirações dos humildes, uma imagem diferente da sociedade, uma alternativa do futuro e, por conseguinte, a possibilidade de subversão social e institucional da ordem estabelecida.

Hoje, as festas são, muitas vezes, ideologicamente programadas, o que as esvazia e torna frenéticas, cansativas, e lhes tira o carácter ritual e a dimensão simbólica. Para que a festa não se esgote é preciso que o seu ritual não se atrofie, que as suas formas não se laicizem, nem instrumentalizem, é urgente que a imaginação criativa a esteja continuamente a valorizar.

Colocámo-nos, é óbvio, na perspectiva da festa religiosa enquanto esta é, na simbiose do homem, corpo e espírito, a forma original, a matriz geradora do sentido lúdico da vida humana. É na festa religiosa que se evidencia melhor o optimismo da vida, que se reconhece a bondade essencial das coisas, que se partilha a alegria de estar com os outros, que se exprime a necessidade psicológica de comunhão com o transcendente. Recordando um acontecimento do passado e antecipando a felicidade eterna, a festa cristã é como que um «ensaio do futuro».

Aquecido pelo sol benfazejo das montanhas, repousado à sombra dos carvalhos, pinheiros e eucaliptos, refrescado pelos banhos de mar, fortalecido pela religião, o minhoto expande-se em festas «como cigarra sempre a cantar»¹⁴. Tudo o que genericamente se disse da festa, verifica-se no Minho. Há a religião, a alegria, a música, o canto, a dança, a feira, os foguetes, o colorido das armações, a convivência do arraial, o desafio da noitada.

Embora, no Minho, a estrutura tipológica das festas esteja estandardizada, quanto às festas religiosas há que fazer a seguinte distinção: Peregrinações, Romarias, Festas de Igreja e Festas mistas.

1.º *Peregrinações* — viagens a pé a santuários consagrados pela devoção oficial da Igreja. Quem ignora, no Minho, as peregrinações diocesanas, concelhias ou arceprestais, ao Sameiro, santuário mariano junto a Braga, à Penha, santuário eucarístico-mariano em Guimarães, a Santa Luzia, santuário do Coração de Jesus em Viana do Castelo, a Nossa Senhora do Porto d'Ave, à Senhora da Franqueira em Barcelos?

Quase sempre no alto das montanhas, porque mais próximos de Deus — *sacri montes* — estes santuários recebem em datas certas a

¹⁴ AQUILINO RIBEIRO, *Arcas encoiradas*, 3.ª ed., Lisboa, Livraria Bertrand, s/d., 112.

visita de muitos fiéis. A peregrinação organiza-se na cidade ou vila que está no sopé do santuário e os peregrinos reúnem-se à hora marcada, por freguesias e associações religiosas, com seus párocos e bandeiras. Depois, numa distância de quilómetros, a longa teoria humana põe-se em marcha, cantando, rezando, até que todos se vão concentrar no grande largo fronteiro ao santuário, onde o bispo da diocese ou seu delegado, sempre um dignitário eclesiástico, celebra missa campal e faz uma homilia de afervoramento. Nestas peregrinações de carácter espiritual, procura-se incentivar a fé dos fiéis e aumentar-lhes o fervor, e é isso que justifica um grande movimento de prática cristã com confissões e comunhões. Depois da missa e consagração, as pessoas comem os seus merendeiros e, retemperadas, pela calma da tarde, voltam a suas casas. Estas peregrinações são de origem bastante recente e inserem-se estruturalmente na pastoral da fé. O aspecto festivo e lúdico quase não existe; é suplantado pelo aspecto vivencial, religioso.

No Alto Minho, de há anos a esta parte, está-se a promover a construção dum santuário na Serra d'Arga com o culto e a peregrinação a *Nossa Senhora do Minho*. Lá foi criada uma artística e bela imagem da Virgem Maria, estilizada à minhota, com espigas na mão, como sublimação religiosa da actividade agrícola e da função maternal da mulher vianesa de que Nossa Senhora é protótipo e protectora. A peregrinação já está eclesiasticamente aprovada e realiza-se, à vez, pelos concelhos da diocese no 3.º Domingo de Julho¹⁵.

2.º *Romarias* — festas cuja nota primordial é, como a palavra indica, a caminhada, à imitação dos que iam a Roma. As romarias minhotas têm uma origem rural, embora algumas já tenham sido apanhadas pelo fenómeno da urbanização, como a da Senhora da Agonia em Viana do Castelo. Talvez por isso, com P. Sanchis¹⁶ se deva distinguir dois tipos de romaria: a *aldeã*, bem localizada no espaço e feita pelo povo da aldeia, como a de São João d'Arga, Caminha, e a *regional*, a mais ampla, como a de S. Bento da Porta Aberta de Cossourado, Patredes de Coura, e as mais conhecidas no Minho, tais

¹⁵ ARMINDO LOPES COELHO, bispo, *Senhora do Minho em Mensagem à Diocese de Viana do Castelo* (2 Homilias, 1983, 1984), Viana do Castelo, s/e., s/d.

¹⁶ PIERRE SANCHIZ, *Arraial: Festa de um Povo. As romarias portuguesas*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1983; cfr. MOISÉS ESPÍRITO SANTO, *A Religião Popular Portuguesa*, Lisboa, A Regra do Jogo. Edições, s/d. (1984).

como a Senhora da Abadiã — Amares, S. Bento da Porta Aberta — Gerês, S. Torcato — Guimarães, etc.

Em principio, a romaria faz-se em dia certo, fixo, que recorda a morte ou algum facto da vida do santo que nela é honrado. As romarias têm lugar em igrejas e capelas devocionais, administradas por uma confraria ou irmandade. Com sua mesa administrativa, eleita anual ou periodicamente sob aprovação diocesana, com Juiz, secretário, tesoureiro, vogais ou mordomos, é a confraria que administra o santuário e organiza a respectiva festa. De opas e vareta na mão, os irmãos velam pela ordem no santuário, tomam lugar na missa da festa, participam na procissão; são eles os festeiros.

A estrutura tipológica duma romaria engloba os seguintes elementos constitutivos:

- a) *A capela do santo* — onde se venera a imagem milagrosa ou o seu corpo que é preciso tocar;
- b) *A romagem* — viagem de carácter penitencial na busca da hierofania de Deus ou dos seus santos, hipostizada na capela do santo;
- c) *O romeiro* — o crente com seus gestos e toda a simbologia religiosa;
- d) *Os actos de culto* — missa da festa, o sermão, a procissão e a promessa que é preciso cumprir escrupulosamente;
- e) *A festa* — O arraial, a feira, o leilão.

Ponto essencial de todas as romarias é o encontro com o santo protector que motiva a romagem. No Minho, os santos funcionam para a mente popular como «isótopos» do divino; não são rivais nem desdobraimento de Deus mas forças ectopicas do sagrado, que tanto podem personalizar-se em Jesus como na Virgem Maria ou nos santos protectores. No Minho são venerados como advogados especiais, Sto. Amaro, advogado dos ossos; Sto. António, padroeiro do gado por apropriação homónima do nome de Sto. Antão; Sta. Apolónia, advogada dos dentes; Sta. Bárbara, protectora contra as trovoadas; S. Bento, advogado das berrugas, coisas ruins e males desconhecidos; S. Brás, doenças da garganta; S. Luiz, advogado da gaguez; Sta. Luzia, dos males dos olhos; Sta. Maria Madalena, identificada com a Senhora da Cabeça, advogada dos males da cabeça; Sta. Rita, advogada dos impossíveis; S. Roque, dos animais domésticos; S. Sebastião, protector contra a fome, peste e guerra; Sto. Ovídio é o advogado das doenças dos ouvidos, mas é considerado particular intercessor no

caso dos maridos infiéis e, por isso, a promessa, neste caso, exige a oferta duma telha roubada. S. Mamede e S. Silvestre são também advogados dos animais e as suas festas têm impacto no interior rural e agrícola. Os animais, como romeiros irracionais, são levados processionalmente para serem benzidos e darem uma voltinha à capela do respectivo orago.

S. João Baptista, Sto. António, S. Gonçalo sobressaiem como santos casamenteiros. As pesoas na idade do casamento, sobretudo as mulheres, tributam-lhes culto muito especial com ritos de fecundidade e fertilidade que, sem dúvida, já têm ancestralidade pagã; é toda uma cadeia de aculturações que nem o cristianismo enjeitou.

A dimensão telúrico-naturalista, de carácter feminista aparece nas romarias de Sta. Marta — a romaria das moças com problemas de fluxo menstrual. E verifica-se ainda nas festas de S. João, S. Pedro, S. Bartolomeu com banhos rituais em fontes santas junto das capelas, nos rios e no mar. Exemplo marcante é a romaria de S. Bartolomeu do Mar, Esposende. Nesse dia, 24 de Agosto, em que o diabo anda à «solta», o santo apóstolo é venerado como advogado dos epiléticos, dos que sofrem da gota. Depois da benção do mar, muita gente, sobretudo crianças, mergulha nas águas para receber os benefícios lustrais da água e perder «o medo». Os mergulhos devem ser em número ímpar. E ao santo devem oferecer-se frangos e galinhas pretas porque, na eidética medieval e popular, os animais pretos têm especial relação com as forças do mal e com o demónio. É evidente, pois, neste gesto ritual, o ressaibo da magia homeopática. Esta associação duma espécie de culto demoníaco encontra-se na capela do «diabo» em S. Bento da Várzea, Barcelos, onde junto de S. Bento em oração aparece uma figura maior do demónio que, por isso, até recebe ofertas do povo.

Afinal, tudo o que diz respeito aos santos é de Deus; quanto mais, melhor. A religiosidade popular minhota tem necessidade de incarnar a fé numa imagem que assume a função medianeira do *churinga* dos australianos e é detentora do *Mana* dos melanésios. É por isso que na romaria é importante ir ver, contemplar a imagem do santo. E P. Sanchis fala até duma «participação metacínica»¹⁶ segundo a qual os crentes seguem o movimento do andor não tirando os olhos da imagem do santo. Melhor, porém é tocá-la, beijá-la, catizar o íman da sua força electrizante, fazer a experiência da hierofania ligada ao santo (a imagem tem de ser aquela e não outra). Pode-se perder a missa mas não se pode perder o lugar na fila para passar

pelo santo. Em alguns santuários, julga-se que a própria natureza circundante participa daquela força sagrada. E aí estão as fontes sacras de S. Bartolomeu do Mar e S. Torcato, as pedras brancas de S. Bento das Peras, Vizela, as alfádegas e medronheiros de S. Bento da Porta Aberta, o mangerico, o alho porro, e erva cidreira do S. João. E quando em algum santuário existe o corpo incorrupto dum pretense santo, então ele exerce a força dum íman concentrado, e os fiéis multiplicam as formas de captar a sua virtude. É ver o culto popular dos corpos incorruptos.

A promessa é, todavia, a pedra de toque da autenticidade da romaria. Mais que uma economia de troca, é uma economia de dádiva. Muitas vezes o cumprimento da promessa anticipa-se à obtenção da graça impetrada. E o povo do Minho é escrupoloso no cumprimento das promessas, não quer atrasá-las nem gosta que os padres, funcionários e administradores do sagrado, as comutem. Chega a interpretar mal compreensivas tentativas de comutação perante, às vezes, o irracional da promessa. Tudo funciona mais à base do sentimento, do instinto religioso que da razão e da verdadeira fé. Nas promessas observa-se o temor reverencial, o medo do sagrado — *numinosum et fascinosum*¹⁷. Alguns santos, como S. Bento, tratado como o *Senhor S. Bentinho*, são tidos como vingativos e, por isso, para eles, todo o respeito e carinho é pouco.

Fundamentalmente, o romeiro vai à festa porque se obrigou por voto ou promessa para com o santo a que se «apegou». À beira-mar, as romarias estão ligadas à vida dos pescadores: a Senhora da Bonança em Vila Praia de Âncora, e S. Bartolomeu do Mar, em Esposende, a Senhora da Assunção e das Dores na Póvoa do Varzim e mesmo a Senhora da Agonia em Viana do Castelo. No interior, as romarias têm carácter rural e estão, por vezes, ligadas à memória de algum piedoso eremita cujo túmulo é apontado como de santo. Lembremos o caso de Santo Oginha em S. João d'Arga, Caminha¹⁸. Algumas romarias do Alto Minho atraem até gente de Espanha, e todas elas

atraem muita gente. Em tempos antigos, à volta do santuário criou-se todo um suporte material de habitações para os romeiros. São conhecidos os «quartéis» ou pousadas para albergar os que vinham de longe: São João d'Arga, Senhora da Peneda, Senhora da Abadia, S. Bento da Porta Aberta.

Mas, como dizíamos, o momento psicológico mais importante para o romeiro autêntico é o cumprimento da promessa. É a primeira coisa que importa fazer. O romeiro nem atende à presença do Santíssimo Sacramento; vai direito ao altar do «seu» santo e lá depõe as ofertas: dinheiro, ovos, velas, círios com a sua altura, brandões com o seu peso, ex-votos esculturais de cera. Estes são tão variados que, com eles, quase se pode refazer a anatomia do corpo humano: cabeças, orelhas, pescoços, braços, mãos, peitos, seios, estômago, intestinos, bexigas, pernas, pés. Às vezes, são micro-esculturas de crianças, homens, mulheres e animais (bois, vacas, porcos). Outras vezes, são tranças de cabelo, muletas, canadianas, a própria fotografia com dedicatória a prolongar, em termos técnicos, os antigos quadros de ex-votos por milagre. Muitas vezes, é dinheiro, cereais, cebolas, batatas, abóboras e outros frutos, presuntos, chouriços, frangos, galinhas, cabritos e objectos preciosos: cordões de ouro, arrecadas, brincos, braceletes, anéis. Em certos casos, faz-se oferta ao santo daquilo mesmo em que se foi beneficiado para que ele comungue do benefício prestado. Em S. Cristovão do Freixo, Ponte de Lima, nos casos de falta de apetite reparado, oferecem-se ao santo malgas de sopas de vinho, bolinhos de bacalhau, etc..

Toda a promessa implica o reconhecimento das próprias deficiências e limitações. Por altura das romarias, o povo minhoto como que se compraz em forçar a nota «masoquista» do sofrimento para mais comovidamente cativar a benevolência dos santos. É ver as pessoas a chegar amortalhadas, esses desajeitados vestidos de gaze que depois se oferecem ao santo, ou comprazidamente transportadas em caixões. Algumas dão voltas de joelhos à capela, desafiando rosários de Avé-Marias, agarradas a alguém que as ampara. Há casos de verdadeiros martírios e auto-flagelação. E são muitos os que percorrem a pé longas distâncias, agravados pelo voto de silêncio. Neste caso, é curioso ver o recurso a estratégias que previnem qualquer infração, pondo um ramito na boca para que a promessa de ir «sem «fala» não fique invalidada. Às vezes, o aspecto doloroso começa à vista do santuário, quando as pessoas percorrem de joelhos o último troço da romagem. Com frequência, os romeiros são acompanhados por um grupo de

¹⁷ RUDOLF OTTO, *Le Sacré*, Paris, Petite Bibliothèque Payot, 1969; cfr. PETER BROWN, *Le Culte des Saints. Son essor et sa fonction dans la chrétienté latine*, Paris, Cerf, 1984.

¹⁸ ERNESTO VEIGA DE OLIVEIRA, *Festividades Cíclicas em Portugal*, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1984, 229-238; MARIA TERESA SANTIAGO GARRIDO, *A romaria de S. João d'Arga*, Caminha, 1984; JOSÉ CRESPO, *O Santo do chocalho in Cadernos Vianenses* 5 (1981) 61-72.

peças, familiares ou amigos, que se solidarizam com eles, rezando e cantando, alertando as povoações à sua passagem.

No campo das promessas, para a religiosidade do minhoto é quase imperceptível a fronteira entre a religião e a magia. Profundamente crente e ritualista, o minhoto não distingue bem ritos sacros de ritos mágicos e supersticiosos. E mesmo quando consegue fazer a diferença, não vê porque estes últimos devam ser proibidos e considerados maus. Recorrendo com frequência a bruxos e feiticeiros, eufemisticamente chamados «pessoas de virtude», o povo acautela-se da ortodoxia clerical que os combate e condena. Em algumas romarias, consciente das atitudes de desconfiança dos padres, o povo gosta de ir de manhã cedo, ao romper da aurora, à capela do santo fazer as suas devoções esotéricas. Depois, voltará à capela para a missa da festa e não deixará de se incorporar na procissão. Exemplo marcante de religião/magia é a romaria de S. Lourenço da Armada em Gondufe, Ponte de Lima. Aliás, esta ambiguidade é ancestral, vem do «húmus do passado». Muitas capelas de romaria, penduradas nos cumes dos montes, foram construídas sobre cidades castrejas, lugares de culto pagano-romano, santuários de velhos deuses autóctones; toda uma hibridagem religiosa que resulta de sucessivas aculturações que já, no século VI, combatia S. Martinho de Dume, depois arcebispo de Braga e desta região¹⁹.

A mentalidade popular é, por natureza, sincretista, não atinge as dicotomias impostas pelo dogma. Por isso, aceita mal a intervenção jurista da autoridade eclesiástica. E, no Minho, ficaram célebres as reacções populares às medidas disciplinares com que o arcebispo de Braga, D. António Bento Martins Júnior, entre 1940 e 1950, tentou moderar as festas. Curiosamente, hoje, a Igreja valoriza a religiosidade popular e demonstra uma tolerância funcional para com ela e suas festas. Há, até, um certo aproveitamento pastoral que justapõe o sagrado e o profano. Aproveitam-se as noitadas e arraiais e antepõem-se-lhes uma procissão de velas, um tríduo ou novena de pregações.

As procissões são outro momento importante da romaria. E o bomromeiro não deixará de se incorporar atrás do seu santo advogado. À frente vai a cruz da confraria, depois os andores, grandiosos, bem adornados, os anjinhos, os mordomos, confrarias associadas, o pálio

com o clero, a banda da música e alguns devotos. No arraial tudo pára, mas são mais os mirones que os acompanhantes.

Recolhida a procissão, a romaria vira arraial e é isso que agora «escangalha» as romarias todas, como nos dizia um padre da ribeira Lima. As bandas musicais atacam o seu repertório que o povo aplaude. Os merendeiros estão comidos e as pessoas ensaiam passos de dança e cantam melodias populares. Foi daí, sem dúvida, que nasceram os famosos ranchos folclóricos minhotos: Sta. Marta de Portuzelo, Meadela, Afife, Carreço... que Pedro Homem de Melo tão bem descreveu²⁰. Por isso, hoje, até os ranchos cumprem a sua participação nas romarias minhotas.

A romaria comporta muitas vezes a feira, e o povo sabe muito bem onde procurar as especialidades.

À tardinha, junto da capela, na casa das promessas e milagres, é o leilão das ofertas e mesmo de «segredos». Depois é a debandada dos forasteiros. As mulheres, com gigas, açafates e cestas à cabeça, carregam doces, rosquilhos, cavacas, pão de ló, melões, melancias e bugigangas para os filhos. Os homens, na aba do chapéu, como talismã de ventura, levam o registo do santinho. Cansados, todos regressam cheios da alegria da festa, felizes pela promessa cumprida e esperanças em voltar. É que, para o ano, torna a haver romaria e, oromeiro deixa antecipadamente marcada uma nova visita. É esta a sedução da romaria minhota, no seu retorno anual. No Concelho de Ponte de Lima subsiste uma série de festas religiosas que se podem classificar de mistas mas que conservam bem visíveis os traços originais. O Instituto Limiano, sob a acção do Pe. Manuel Dias, pároco de Nogueira, Viana, mas oriundo de Ponte de Lima, organizou uma curiosa exposição sobre «Romarias de Ponte de Lima» no Museu dos Terceiros, de 15/VIII/ a 22/IX/1985. Das 51 freguesias do Concelho só não estiveram representadas duas, as de Gaifar e Vilar do Monte.

3.º *Festas de igreja* — são aquelas que se orientam para a promoção pastoral dos fiéis. Realizam-se nas igrejas paroquiais ou de associações de piedade. Nelas, tudo está organizado em vista da vivência da fé, para o aprofundamento da religião católica. Há pregações, tríduos, novenas, missões, confissões, comunhões missa cantada, procissão eucarística, Hora de piedade, terço. O aspecto lúdico está completamente posto de lado, e o clero é o único responsável, escudado em confrarias de devoção como a do Santíssimo, Coração de

¹⁹ S. MARTINHO DE DUME, *De Castigatione Rusticorum*, apud. D. Fr. CAETANO BRANDÃO, *Vida e Opúsculos de S. Martinho Bracarense*, Lisboa, 1803, 241-256.

²⁰ PEDRO HOMEM DE MELLO, *Folclore*, Lisboa, Ática, 1971.

de Jesus, a da Senhora, da Santa Infância, da Cruzada. Bom exemplo é a festa do Corpo de Deus, que já vem da Idade Média e em que o povo crente se esmera a adornar as ruas com coloridos tapetas de serrim e flores. A festa do Corpo de Deus em Monção, com a tradicional «coca», é um bom exemplo de festa de igreja que conserva o sabor medieval. E, de alguma maneira, ainda as procissões dos «Passos» e da Semana Santa.

4.º *Festas mistas* — São as festas religiosas, paroquiais, onde o religioso arrasta o profano que, agora, praticamente o absorve. São as festas dos padroeiros das freguesias e de outros oragos a que o povo se mostra particularmente sensível. Muitas vezes multiplicam-se ao sabor das circunstâncias e dos impulsos devocionais. Prolongam-se por vários dias; têm noitada e arraial, congregam autênticas feiras de tendas com quinquilharias, brinquedos, roda dos cavalinhos, circo, divertimentos e distrações, comes e bebes, promovem o artesanato. Têm procissão de velas, missa da festa e sermão, procissão com grande aparato de andores, pendões e bandeiras, anjinhos e até quadros de figurantes bíblicos ou de açafates de flores, bandas de música, conjuntos musicais. Algumas, no Alto Minho, comportam mesmo representação de autos populares de muita antiguidade: a Senhora das Neves em Mujães, Viana, com o Auto de Floripes; a Senhora da Expecação ou do Ó, em Rubiães, Paredes de Coura, com teatro de sabor medieval. Outras metem cantadores populares ao desafio, como a de Nossa Senhora do Rosário em Bico, Paredes de Coura.

A organização destas festas é sempre uma grande empresa em que há que contar com o bairrismo e empenho de comissões de festa, com juiz, juíza, mordomos e mordomas, anualmente eleitos, nem sempre com o apoio e consentimento dos párocos, do que resultam situações bizarras sobretudo no que respeita ao programa das festas. De maneira geral, a comissão dos homens tem a responsabilidade total da festa, enquanto as mordomas se encarregam das flores da igreja e dos festões, adornos das cordas e tapetes, cabendo à juíza pagar o sermão. Há todo um ritual para ir buscar a juíza para a missa da festa e para a distribuição dos folares e roscas às mordomas no fim da missa.

Hoje, cada vez mais as autarquias querem associar-se a festas tidas como da cidade, da vila, do concelho, da freguesia. Estão neste caso a festa da Senhora da Agonia em Viana do Castelo de 16 a 18 de Agosto, com cortejo histórico e etnográfico, as festas de Santa Rita de Cássia em Caminha, de 8 a 11 de Agosto; a festa de S. Barto-

lomeu, em Ponte da Barca, de 22 a 24 de Agosto; a festa de S. Sebastião em Vila Nova de Cerveira, de 2 a 4 de Agosto; a festa de Nossa Senhora das Dores e Santo António em Paredes de Coura, de 8 a 12 de Agosto; a festa de Nossa Senhora do Faro em Valença, de 10 a 15 de Agosto; a festa da Virgem das Dores em Monção, de 23 a 26 de Agosto; as festas de Nossa Senhora das Dores ou *Feiras Novas* em Ponte de Lima, de 14 a 16 de Setembro. Todas estas, que acabamos de referir, são consideradas festas do respectivo concelho.

E poderíamos apontar muitas outras festas do Alto Minho, espalhadas por freguesias e aldeias, realçando, no ano de 1985 as de Santa Marta de Portuzelo, Viana, de 9 a 11 de Agosto, que assume o carácter de romaria porque as parturientes ali acorrem a pedir um bom parto; as de Santo António em Afife, Viana, de 11 a 14 de Julho, as de Nossa Senhora da Vinha em Areosa, Viana, de 26 a 28 de Julho e as de Santa Rita em Vila Nova de Muia, Ponte da Barca que se celebra sempre na Segunda-feira do Espírito Santo ou Pentecostes e que tem a particularidade de ser lá que os doridos pelo falecimento dum familiar vão tirar o luto ao fim de um ano de nojo e dor.

Como já se disse, as festas religiosas estão cada vez mais a ser dominadas pela dimensão social, lúdica, desportiva e industrializada do nosso tempo. Basta conferir os cartazes de propaganda e os programas para vermos como a dimensão religiosa recua, quase sufocada por elementos sócio- etnográficos, assumindo alcance turístico, comercial, espetacular. Mas não há como tentar fazer a tipologia dum festa religiosa mista, que tanto pode durar um dia com noitada e arraial, como prolongar-se por vários dias.

A festa é sempre anunciada pelo levantar do *mastro* da festa, oito dias antes, no lugar do arraial, acompanhado em cada dia por repiques de sinos, salvas de morteiros e girândolas de foguetes, com os bombos dos Zés Pereiras a percorrer a freguesia como que despertando-a e incitando-a para a festa. Depois, há a azáfama das armações decorativas, a montagem dos coretos, o adorno da igreja e o arranjo dos andores. Mas, o mais emocionante é o levantar do *arco* da festa, vistosa e garridamente embelezado, em lugar de destaque, como emblema da festa, o qual, por vezes, é uma autêntica obra de engenharia, tal é o seu peso e grandeza.

Tipologicamente, na festa religiosa mista, há a considerar 2 elementos:

- 1.º Sagrado — Procissão de velas na vigília da festa.
Missa da Festa, cantada, Sermão e Procissão.
- 2.º Profano — *Lúdico-recreativo*: morteiros, foguetes, fogo de artifício, bombos, zabumbas, gigantones, bandas musicais, fanfarras, tunas, conjuntos, ranchos, parque de divertimento com carrinhos, roda dos cavalinhos, balcões de tiro às prendas, etc.

Etnográfico-desportivo: cortejos folclóricos e históricos, festivais de ginástica, ciclismo, atletismo, futebol, columbofilia, pesca, jogos da malha, do pau, etc.

Económico-social: feiras de gado, do mel, das nozes, das cebolas, do artesanato, barracas de doçaria e comes e bebes, convívios de crianças, de jovens, de terceira idade, etc.

Como se vê, a festa é cada vez mais envolvente, abrangendo as diversas manifestações da vida do homem secularizando-se.

III — As Crenças e Práticas

O homem do Minho, tradicionalmente católico, impregna a sua vida de crenças, derivadas da fé cristã umas, atávicas, naturalistas e fantasiosas outras. Também elas se relacionam com festas da Liturgia católica.

Consideremos, antes de mais, as que se prendem à religião e se situam ao nível do que se chama ciclo da natureza ²¹.

O Natal é uma quadra festiva que celebra o nascimento de Jesus em Belém mas tomou o lugar da festa pagano-romana do *Natalis Solis Invicti* e das *Saturnalia*, festas romanas das sementeiras. Está ligado à consoada ou Ceia do Natal, ao presépio, aos sapatinhos na lareira para receber as prendas do Menino (o Pai Natal ou o S. Nicolau), à moderna árvore de Natal, comprada ou roubada, ao madeiro

a arder, à Missa do Galo, à novena do Menino, às loas ao presépio, ao beijar do Menino, aos leilões. À volta do Menino Jesus, tem lugar o canto das janeiras e dos Reis, num testemunho de alegria comunicativa que supera o frio e estreita os laços sociais. Grupos de jovens e até famílias, na noite do 1.º de Janeiro ou do dia 6 (Reis), vão cantar loas pelas casas dos vizinhos e amigos, desejando saúde e bem estar, recebendo dávidas de comida e bebida, sobretudo da doçaria da época: filhós, rabanadas, formigos, mexidos, bolo-rei.

Uma boa forma de estar com os outros, prolongando o gesto dos pastores e magos que foram saudar Jesus ao presépio, mas também aparecendo como resíduos de banquetes de vizinhança.

A *Calendária*, a 2 de Fevereiro, lembra a apresentação de Jesus no Templo de Jerusalém e é consagrada a Nossa Senhora da Luz ou das Candeias. Caracteriza-se pela benção das velas que as pessoas levam para casa e acendem como talismã protector contra raios e tempestades enquanto invocam S. Jerónimo e Sta. Bárbara.

O *Carnaval* ²², começado no Domingo Gordo, por causa das comezainas de orelheira e carne de porco, é uma espécie de compensação inicial, *Entrudo*, pelos quarenta dias de jejum, abstinência quaresmal. Coincidindo quase com as *Lupercalia* romanas, o Carnaval assumiu-lhe o carácter folgazão de disfarces, máscaras e regabofe. As *Lupercalia*, de alcance pastoril, em formas grosseiras e selvagens, sobreviveram até ao séc. VI como ritos apotropaicos e de fecundidade.

O Tempo da *Quaresma*, na crença popular, desdobra-se quer em actos penitenciais, como as Cinzas, Vias Sacras, Procissões dos Passos, fazer a desobriga e dizer a doutrina ao pároco, quer em actos simbólicos e lúdicos, como a Serragem da Velha (os bonecos do velho e da velha em Afife e Montedor e respectivos «testamentos») a queima do Judas e a benção dos Ramos no *Domingo de Ramos* em que se come sempre o caldo de castanhas piladas e não se deixa de levar o ramo aos padrinhos para receber o foliar. Também as moças casadoiras, no Carreço, costumam oferecer aos namorados palmitos adornados.

A *Páscoa*, no eclodir primaveril, recordando as aparições de Cristo ressuscitado aos discípulos, é a festa do Compasso ou Visita Pascal em que a Cruz paroquial, adornada, é dada a beijar enquanto o pároco faz a visita e a benção das casas, recebendo o foliar dos

²¹ TEÓFILO BRAGA, *O Povo Português nos Seus Costumes, Crenças e Tradições*, Vol. II, Lisboa, Publicações Dom Quixote, 1986; J. LEITE DE VASCONCELOS, *Tradições Populares de Portugal*, 2.ª ed., Lisboa, Imprensa Nacional — Casa da Moeda, 1986.

²² JULIO CARO BAROJA, *El Carnaval*, Madrid, Taurus, 1965.

fregueses ovos, fruta, dinheiro. O cristão minhoto não dispensa o Compasso²³.

A *Ascensão* do Senhor está a recuperar a tradição do dia da espiga, em lembrança das ladainhas ou rogações que se faziam sobre os campos semeados e a aloirar para a ceifa.

A festa das *Maias*, no 1.º de Maio, com as giestas metidas nas portas para não entrar o burro, é um rito apotropaico, de cariz pagão, para afastar o demónio.

A festa das *Cruzes*, em 3 de Maio, é uma festa derivada da crença no poder salvífico da cruz de Jesus, descoberta por Santa Helena, séc. IV. São conhecidas as festas das Cruzes de Barcelos e Serzedelo em Guimarães. Mas, todo o Minho está cheio de cruzes, calvários, alminhas, pelourinhos, emblema cristão por excelência, colocado na porta das casas, dos espigueiros, e ao peito dos homens e mulheres. A própria toponímia conhece lugares com este nome: Cruz das Almas em Merelhe, Monção, Cruz de Pedra, em Ponte de Lima.

E quantas crenças ligadas ao Espírito Santo, à Virgem Maria Nossa Senhora e aos Santos? Especial relevo é dado aos santos populares, Sto. António, S. João Baptista e S. Pedro. Os três são considerados santos casamenteiros e as suas festas revestem formas naturalistas, com cascatas, fogueiras, bailaricos. Sto. António é o santo mais festejado no Minho de tradição rural, porque é o padroeiro dos animais. É também o advogado das coisas perdidas e, daí, a variedade eucológica do «Responso» a Sto. António. Sto. António é, de facto, o santo mais celebrado no Minho, e na Diocese de Viana contamos 21 festas quer individuais quer associadas às de outros santos.

S. João e S. Pedro são festejados de modo popular e brejeiro com cascatas, balões, foguetes e bailaricos. Ao naturalismo das cascatas está ligado o costume de trazer para o adro da igreja paroquial coisas tiradas sorratamente das casas, como carros, arados, coisas velhas, vasos de plantas, ramos de árvores que, depois, os donos envergonhados levam para casa. Pode ser que seja reminiscência do direito da juventude ao roubo ritual; o mais das vezes, trata-se de partidas ou travessuras licenciosas dos rapazes às famílias das namoradas ou a pessoas temperamentais a quem se quer pregar uma «partida».

Finalmente, ao nível das crenças, importa referir o culto de S. Bento, venerado em todo o Minho. Isso deve-se, de certeza, à in-

fluência dos muitos mosteiros beneditinos que nesta região existiram desde os primórdios da Nacionalidade. Ao todo, contamos 8 festas de S. Bento e 4 santuários importantes no Alto Minho: No concelho de Arcos de Valdevez, S. Bento de Ermelo e do Cando; no de Vila Nova de Cerveira, S. Bento de Seixas, e no de Paredes de Coura S. Bento da Porta Aberta do Cossourado. Como já foi dito, S. Bento, tido como santinho vingativo, é o advogado das coisas ruins, males desconhecidos, cravos e verrugas; só se lhe devem oferecer cravos, notas e coisas brancas: moedas de prata ou níquel, ovos, farinha, açúcar, arroz.

Relacionado com o culto dos santos estão os autos de cariz religioso e medieval, como o Auto de Floripes na festa da Senhora das Neves em Mujães. Há também danças de carácter religioso, como a dança do Rei David em Braga e a dança dos Reis Magos em Barcelos. Mas a dança religiosa com sabor etnográfico foi assumida inteiramente pelos ranchos folclóricos. Contudo, em Monção, na procissão do Corpo de Deus ainda se faz o «passeio» da Coca, monstro mitológico, reminiscência de qualquer elemento lúdico ligado a S. Jorge e em relação com a dança da judenga e da mourisca.

O cancionero minhoto, abundantíssimo, não dispensa o religioso²⁴. Sabe-se também como a paremiologia do Alto Minho é rica de provérbios, adágios e rifões de índole hagiográfica e agrícola.

Deveras interessante é o eucológico esotérico popular, bom mostruário da prática dos ensalmos. Estes são uma espécie de conjuros para afastar doenças e «talhar» males. Eufemisticamente, até se lhes chama benzeduras porque, por meio de cruzes, numa algarviada ridente e desarticulada, se associam a um curioso receituário de mezinhas para práticas mágicas e supersticiosas. Com esse misto de medicina popular e religiosa se «talha» o ar, a erisipela, o mau olhado, o pé aberto, o treçoço, as verrugas, etc.

E poderia ainda falar-se dos defumadoiros, dos chás e tisanas de plantas consideradas medicinais, sempre com o nome dum santo que lhes dá garantia e eficácia.

Não esquecemos também as cantilenas e estratégias apotropaicas para afastar a passarada dos campos de cereais, à medida que se vão rarificando os clamores e ladainhas de súplica, presididos pelo

²³ GERALDO COELHO DIAS, *Compasso-Visita Pascal: Renovação na transformação*, in *Ora et Labora* 17 (1971) 103-121.

²⁴ LUÍS CHAVES, *Folclore religioso*, Porto, Portucalense Editora, 1945; *Idem, Páginas folclóricas*, Porto, 1942.

próprio pároco, a impetrar chuva ou bom tempo para as sementeiras e colheitas.

O climax da crendice, porém, está ligado à existência de almas penadas, espíritos, lobisomens, bruxas, moradas abertas que têm a sua concretização simbólica no uso de amuletos, figas, chavinhas e signos saimões.

É tempo de terminar, já que, nesta ponta final, fomos rápidos e quase só estivemos a sugerir e apontar elementos.

Conclusão

Sob o tema «*O Alto Minho em tempo de festas*», vimos que estamos numa região com gentes essencialmente crentes e alegres; sem pruridos de dualismo religioso-telúrico, o povo faz, inocentemente, a simbiose cristã com elementos naturalístico-pagãos. Os santos são tratados como algo de necessário, que faz parte do seu mundo existencial e psicológico e, a pretexto de os celebrar, o minhoto expande a sua alegria colectiva numa manifestação festiva continuada. As festas e romarias são para o minhoto uma necessidade e um suplemento de alma; sem deixar de ser religiosas, veneração do sagrado, são igualmente formas de sociabilidade e contacto humano. Festas a Cristo, à Virgem Maria e aos santos, que se desdobram na igreja e no adro, alegria que estoura em riso, dança e divertimento; um estado de alma que requer folguedo e reinação.

Tendo em conta os levantamentos que fizemos, julgamos poder deduzir o seguinte:

1.º A listagem das festas do Alto Minho que conseguimos apresentar não é completa; mas é suficiente para estabelecer conclusões válidas e legítimas.

2.º O verão é o tempo festivo por excelência. Por causa disso, há como que uma concentração de festas, um autêntico ciclo festivo de Junho a Setembro, com o seu climax no mês de Agosto.

3.º Há uma intencional e desregrada deslocação das festas religiosas para fora daquilo que se chama o seu «dia litúrgico» no calendário do Ano Cristão, às vezes apenas para aproveitar o bom tempo de verão e atrair a presença de forasteiros.

4.º A emigração tem grande impacto nas festas, pela sua presença e pelas suas ofertas. Muitas festas foram mesmo deslocadas para coincidir com as «vacances» dos emigrantes e contar com a sua presença. Em muitas, há até uma parte especialmente dedicada aos

emigrantes, e criaram-se outras sob o impacto do fenómeno emigratório: Festa do Senhor e da Senhora dos Emigrantes.

5.º Jesus Cristo é celebrado como Deus na perspectiva evangélica do Jesus bondoso, feito homem, que passou fazendo o bem. Daí os títulos que demotam poder de Deus e confiança dos homens: Santíssimo Sacramento, Santo Cristo, Salvador, Senhor, Senhor Bom Jesus, Senhor dos Agonizantes, dos Aflitos, do Alívio, do Bonfim, do Calvário, da Cana Verde, da Cruz de Pedra, dos Emigrantes, da Fortuna, do Juízo Final, dos Passos, dos Perdidos, da Saúde, do Socorro.

O Espírito Santo tem a festa litúrgica do Divino Espírito Santo: mas, a Santíssima Trindade, como tal, bem como o Pai Eterno não são festejados pelo povo.

A Virgem Maria é venerada porque mãe de Jesus e, consequentemente mãe de todos os redimidos; por isso mesmo é também muito querida à devoção dos minhotos. Múltiplas invocações exprimem a fé do povo no seu poder de intercessão. Sem dúvida que toda esta devoção deriva do papel teológico que a religião católica lhe atribui; todavia, uma breve comparação antropológica prova que o minhoto venera Maria não tanto por ser a Virgem Imaculada, mas porque, vendo nela a mãe de Jesus, descobre nela, paradigmaticamente, o modelo de todas as virtudes maternas. Por isso, a ela recorre como filho aflito e confiante que espera da mãe auxílio e protecção. Os antropólogos poderiam, a partir daí, resvalar para o paralelismo das religiões pagãs com o culto da Deusa-mãe²⁵. Note-se, porém, que no Minho, o culto mariano é tanto mais puro quanto mais alargado; nunca anda associado a práticas naturalistas e pagãs. Aí temos, pois, um singular e curioso exemplo de pureza cultural cristã que o longo rosário de 55 invocações encontradas nas listas das festas vem confirmar: Santa Maria, Imaculada Coração de Maria, Senhora, Nossa Senhora da da Abadia, da Ajuda, dos Aflitos, do Alívio, do Amparo, das Angústias, das Areias, do Barco, da Boa Morte, da Boa Nova, da Boa Sorte do Bom Sucesso, da Bonança, da Cabeça, do Calvário, do Carmo, da Conceição, das Dores, do Emigrante, da Expectação, de Fátima, da Fortuna, de Guadalupe, da Guia, da Lapa, do Livramento, de Lurdes, da Luz, do Minho, da Misericórdia, de Mosteiró, da Natividade, das Necessidades, das Neves, do Ó, das Oliveiras, da Paz, da Pena, da Peneda, do Pilar, do Porto, dos Prazeres, do Reclame, dos

²⁵ DALILA PEREIRA DA COSTA, *Da Serpente à Imaculada*, Porto, Lello e Irmão-Editores, 1984.

Remédios, da Rocha, das Rosas, do Rosário, da Saúde, da Silva, do Socorro, da Vinha, da Vista.

Os santos, esses são celebrados ou porque padroeiros das freguesias, ou oragos de capelas, ou advogados de doenças e problemas concretos. Há santos de veneração indiferenciada mas há outros que são mais venerados à beira mar e zonas ribeirinhas, enquanto outros têm culto especial no interior rural e agrícola, como protectores dos animais: S. Paio e S. Mamede.

6.º As festas são, portanto, uma coordenada essencial da vida religiosa, mas o antropólogo, tal como o teólogo e o pastoralista, não poderá deixar de assinalar o impacto corrosivo que nelas tem o fenómeno moderno da dessacralização e da secularização, uma forma nova e negativa de «aculturação». Talvez por isso é que, hoje, paradoxalmente, os antropólogos são os primeiros a tentar descobrir as raízes da cultura popular, suas festas e crenças, na síntese contraditória duma liberdade que não aceita vínculos e no reconhecimento duma insegurança que precisa de pontos de apoio e de referimento. O Alto Minho, tão religioso e cristão, não está imune da progressiva invasão do fenómeno dessacralizante e dele se ressentem visivelmente todas as suas festas, mesmo as mais antigas e tradicionais.

Eis, portanto, um grande problema pastoral que não pode ser escamoteado pelos párocos mas que é também um desafio à pastoral católica no nosso tempo: Nem o minimalismo reducionista, utópico e angelista do «pós-Vaticano II», nem o maximalismo eufórico e revivalista duma religiosidade popular em «estado de natureza pura». O homem religioso não pode viver sem a festa, mas a festa pode degradar-se e dessacralizar o homem religioso ²⁵.

Geraldo J. A. Coelho Dias

²⁵ *Réligion Populaire et Réforme Liturgique*, Paris, Cerf, 1975; LUÍS MALDONADO, *Religiosidad Popular. Nostalgia de lo magico*, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1975; Idem, *Introducción a la religiosidad popular*, Santander, Editorial «Sal Terrae», 1985.

I — De Cristo a Constantino

Diz-nos a Tradição cristã e a Escritura que Cristo encarnou na história. Iniciou a sua vida pública aos trinta anos e foi seguido de perto por um pequeno grupo de doze apóstolos.

Esses apóstolos, antes de serem colocados à frente da Igreja, foram instruídos, purificados, consagrados; e no dia de Pentecostes receberam o Espírito Santo.

Sujeitos à lei da caducidade morreram, mas deixaram sucessores, hoje vulgarmente conhecidos como «bispos».

O objecto desta primeira parte coloca-se neste contexto: pretendemos saber se o episcopado é um fenómeno posterior aos tempos apostólicos ou se, pelo contrário, os primeiros bispos são exactamente os apóstolos; indagaremos depois qual o processo usado pelos primeiros pilares da Igreja na escolha dos seus sucessores; tentaremos, por fim, saber o que se passou no período compreendido entre finais do século primeiro e o reconhecimento do cristianismo como religião do Estado, baseando-nos na antiga literatura cristã.

1. Apóstolos: primeiros bispos

Na literatura grega clássica deparamos já com o termo *ἐπίσκοπος* (*episcopos*), etimologicamente dependente do verbo *ἐπισκοπεῖν* (*episcopein*), que significa olhar vigiando ou protegendo. Na língua clássica *episcopos* tem o sentido de inspector, protector, presidente ¹

Os gregos aplicaram esta palavra em primeiro lugar «... aos deuses que ...são aqueles que zelam e cuidam dos homens» ².

¹ CLAEYS-BOUUAERT, *Evêques*, in *Dictionnaire de Droit Canonique*, V, Paris 1953, 569; Cfr. WERNZ-VIDAL, *Ius Canonikum* II, Roma 1928, 605.

² O. G. de CARDEDAL, *Chi è il Vescovo?*, in *Chi è il Vescovo?*, Milano 1984, 115.